

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 124580
Título: O ícone dos tintos					Temática: Generalista	GRP: 7.0
2006/09/14	VISAO – ESPECIAL	Pág.22	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 5570.00

O ÍCONE DOS TINTOS

O aparecimento do Barca Velha, em 1952, foi fundamental para a afirmação do Douro. E abriu portas a novos negócios

JOSÉ A. SALVADOR

O ano de 1952 é mágico

para o planeta do vinho: nasce em Portugal o Barca Velha e na Austrália o Penfold's Grange Hermitage. Os seus autores, respectivamente Fernando Nicolau de Almeida e Max Schubert não se conheciam, mas ambos atravessaram percursos enológicos comuns antes de arriscarem voos tão altos.

Estávamos em meados do século passado, e os dois grandes mestres do vinho foram conhecer com olhos de ver, e nariz e boca de provar, os Premiers Crus dos Châteaux de Bordéus. Fernando Nicolau de Almeida queria fazer um vinho tinto no Douro que não cheirasse nem soubesse a vinho do Porto. Max Schubert, à revelia da administração da Penfold's, pretendia fazer um grande Bordéus na Austrália. Ambos conseguiram. Ambos abriram novos horizontes para o negócio do vinho do Douro e da Austrália.

O Grande Hermitage deu brilho e prestígio aos vinhos australianos, que se implantaram comercialmente em todo o mundo, enquanto o Barca Velha abriu as portas a novos negócios ao confirmar que, para além do vinho do Porto, a região produz actualmente vinhos tintos de topo mundial. Mercê do êxito do Barca Velha e também porque o controlo administrativo da produção de Vinho do Porto não permite que todas as uvas dos viticultores sejam transformadas em vinho generoso, pôs-se o problema de saber que fazer com as restantes uvas. A saída para esta questão passou pelo designado «vinho de mesa», o futuro Douro DOC tinto ou branco.

A partir da década de 70 assiste-se ao aparecimento dos produtores-engarrafadores dos quais foi pioneiro Carlos Champalimaud, que fazia os seus Quinta do Côtto varietal «Sousão» e varietal «Bastardo», sem abandonar o fabrico de vinho do Porto, projecto hoje prosseguido por Miguel Champalimaud.

Outras quintas ganharam visibilidade a partir de então no palco dos vinhos tintos e brancos: Quinta da Gaivosa, Quinta de La Rosa, Quinta do Crasto, Quinta do Vallado, Quinta do Vale Meão (onde nasceu o Barca Velha), entre outras, corporizam o sucesso comercial dos vinhos Douro.

As grandes companhias de vinho do Porto, com excepção destacável do grupo Taylor's/Fonseca, passaram também a dedicar-se aos vinhos DOC Douro com maior regularidade



LUÍS SOTTOMAIOR E JOSÉ MARIA SOARES FRANCO
Os actuais autores do Barca Velha

e rigor enológico: Ferreira (que além do Barca Velha lançou de seguida o Vinha Grande e mais tarde o Esteva), Real Companhia Velha, Ramos Pinto, Sandeman, grupo Graham's, Poças e Quinta do Noval, além de outras empresas.

O negócio de vinhos Douro vai, assim, crescer neste século XXI muito provavelmente ao nível do negócio do vinho generoso. O Barca Velha acaba por ser simbolicamente o último marco pombalino implantado na região por obra e graça de Fernando Nicolau de Almeida.

Os tempos heróicos do Vale Meão, onde o criador do Barca Velha conseguiu resultados notáveis, já lá vão. Na actualidade, os vinhos posteriormente declarados ou não como Barca Velha são feitos na Quinta da Leda. São 165 hectares pensados e encepados com as castas mais nobres do Douro sob a direcção de José Maria Soares Franco.

«O senhor Fernando Nicolau de Almeida conseguia em média fazer três Barcas Velhas por década. Mas com as condições da vinha e da adega de que hoje dispomos, e que ele nunca pôde ter, será possível aumentar essa média para seis ou sete», diz-nos José Maria Soares Franco.

Saiu este ano o último Barca Velha, da colheita de 1999. É até agora o melhor de sempre e fechou o séc. XX. Mas tudo indica que os Barcas Velhas do séc. XXI, com a assinatura dos seus novos autores, José Maria Soares Franco e Luís Sottomaior, irão brilhar ainda mais no palco mundial. ■